



**Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ**

**Centro de Filosofia e Ciências Humanas - CFCH**

**Escola de Comunicação – ECO**

**Revista *Entrenós*: um outro olhar sobre favela**

Bianca Alves da Rocha e Camila de Azevedo Elias

**Rio de Janeiro**

**2009**



**Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ**

**Centro de Filosofia e Ciências Humanas - CFCH**

**Escola de Comunicação – ECO**

## **Revista *Entrenós*: um outro olhar sobre favela**

Bianca Alves da Rocha e Camila de Azevedo Elias

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Comunicação. Orientador: Prof. Dr. Paulo César Castro. Co-Orientador: Prof. Dr. Augusto Gazir.

**Rio de Janeiro**

**2009**

# **Revista *Entrenós*: um outro olhar sobre favela**

Bianca Alves da Rocha e Camila de Azevedo Elias

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Castro

Co-Orientador: Prof. Dr. Augusto Gazir

Monografia submetida ao curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Comunicação.

Aprovada por:

---

Prof. Dr. Paulo César Castro – UFRJ

---

Prof. Dr. Gabriel Collares – UFRJ

---

Prof. Dra. Ilana Stronzerberg - UFRJ

**Rio de Janeiro**

**2009**

ROCHA, Bianca Alves da, ELIAS, Camila de Azevedo.

Revista *Entrenós*: um outro olhar sobre favela. Bianca Alves da Rocha e Camila de Azevedo Elias – Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2009.

26f.

Orientador: Paulo César Castro

Monografia (graduação) – UFRJ/ Escola de Comunicação/  
Curso de Jornalismo, 2009.

Referências Bibliográficas:

1. Favela. 2. Jornalismo Comunitário. 3. Entrenós. 4. Revista. 5. Comunidade. 6. Repórteres. I. Castro, Paulo César. II. Gazir, Augusto. III. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Curso de Jornalismo. IV. Título.

Dedicamos essa monografia aos nossos pais, irmãos, amigos e a todos aqueles que nos ajudaram a construir de alguma forma as pessoas que somos hoje.

## **Agradecimentos**

Aos nossos pais, pela paciência e perseverança de um dia conquistarmos um diploma.

Aos nossos irmãos, pelos conselhos preciosos.

Ao nosso orientador, Paulo César Castro, pela paciência e sabedoria.

Ao nosso co-orientador, Augusto Gazir, sem o qual esse trabalho não seria possível.

Aos entrevistados, que sempre com muito prazer e satisfação nos receberam para falar sobre a sua comunidade.

Aos nossos amigos, pelo ombro nas horas de desespero, pelos sorrisos, afagos, puxões de orelha, enfim, por estarem sempre ao nosso lado.

ROCHA, Bianca Alves da, ELIAS, Camila de Azevedo. **Revista *Entrenós*: um outro olhar sobre favela**. Orientador: Prof. Paulo César Castro. Co-Orientador: Prof. Augusto Gazir. Rio de Janeiro, 2009. 26 p. Monografia (Jornalismo). Escola de Comunicação – UFRJ

## RESUMO

A proposta deste trabalho é produzir uma revista (*Entrenós*) capaz de fornecer uma cobertura das favelas sob um aspecto diferente dos grandes meios de comunicação. Com a intenção de contar com repórteres da própria comunidade, na equipe editorial, a publicação pretende resgatar acontecimentos cotidianos da população residente nas comunidades, além de histórias de sustentabilidade, empreendedorismo e cultura. A ideia é fugir do estereótipo favela/criminalidade que domina o noticiário e contribuir para a vigência de uma representação social das comunidades, como um espaço destinado, principalmente, à formação da violência e de bandidos.

# **SUMÁRIO**

## **1. Introdução**

## **2. Favelas no Rio de Janeiro: histórias e aspectos contemporâneos**

2.1. Tratamento tradicional da imprensa dado às comunidades

2.2. Mídias de favelas: Viva Favela, TV Roc e Observatório de Favelas

## **3. Concepção Entrenós**

3.1. Plano editorial

3.2. Missão

3.3. Objetivo

3.4. Leitor

3.5. Pontos Fortes

3.6. Pontos Fracos

3.7. Plano Gráfico

## **4. Viabilidade Econômica**

4.1. Distribuição

## **5. Conclusão**

## **6. Referências bibliográficas**



## 1. INTRODUÇÃO

Quem nunca notou a avalanche de notícias diárias sobre violência e crime associadas às favelas, na grande mídia? Nada contra noticiar o fato em si, visto que a criminalidade está presente de forma intensa em quase todos os lugares. Mas não devemos esquecer que as favelas não podem ser definidas como cenário de uma representação social que, duramente alimentada pela mídia, as definem como espaços da violência, onde se formam criminosos. E que homogeneiza ao considerar os espaços iguais no que diz respeito às condições de renda, práticas sociais e culturais.

Obter uma cobertura mais ampla e menos preconceituosa das favelas é algo que ainda não está estabelecido nos grandes jornais. Neste relatório, resgatamos de maneira clara e objetiva a história do surgimento das favelas e como isso foi representado nos olhares dos grandes formadores de opinião do País. Dos primeiros morros cariocas às políticas de remoção. Do tratamento midiático no início do século XX que combina discriminação e exotismo ao tratar de favelas às coberturas preconceituosas que ainda hoje permanecem nos meios de comunicação.

A partir do histórico das favelas e do tratamento tradicional da mídia, apresentamos nosso projeto tendo como base algumas poucas iniciativas existentes hoje. O Viva Favela, TV Roc e o Observatório de Favelas são três projetos bem sucedidos que buscam mostrar, de forma menos superficial, histórias curiosas das favelas e de seus habitantes. Pautas que quando tratados pela grande mídia dificilmente fogem do estereótipo “incomum/ exótico”.

A Revista *Entrenós* pretende mostrar o lado bom das favelas, fatos que estão acontecendo nas comunidades que contribuem para a melhoria da qualidade de vida dos seus moradores. As carências desses espaços serão abordados também, como uma forma de serviço social e de denúncia dos problemas a serem solucionados.

*Entrenós* surge ancorada no entendimento do papel de mediação do agente externo e da função social do jornalismo e se justifica como espaço de divulgação do que acontece nas favelas pautado por um conselho editorial que conta com a participação de moradores das comunidades.

Nesse relatório descrevemos a nossa base teórica para a formulação da revista. Nossa ideia é expressar esse conhecimento na forma de matérias, fotos e opiniões sobre os aspectos humanos dos moradores, seu modo de vida, iniciativas e projetos sem esquecer também dos problemas sociais. Sem a participação dos moradores nos fornecendo pautas e ideias, não conseguiríamos ter o resultado obtido nesse projeto

piloto. Além disso, contamos também com a colaboração de Luiza Santoloni, formada em Desenho Industrial pela PUC/ RJ, que nos ajudou na elaboração do design da revista *Entrenós*.

## 2. Favelas no Rio de Janeiro: histórias e aspectos contemporâneos

As favelas sempre foram consideradas territórios de ausência de civilidade e urbanidade. O pressuposto é que elas só existem porque o Estado e a sociedade foram fracos e pouco incisivos na demarcação dos territórios pobres na cidade. As favelas, com base nesse olhar, são consideradas externas à cidade, intrusas e ilegítimas. Daí a urgência de realizar uma inflexão territorial radical no curso da nossa história urbana, em especial na política habitacional popular. (SOUZA E SILVA, 2004: 100)

As favelas do Rio de Janeiro, desde a origem no final do século XIX, são definidas pela sociedade como espaços homogêneos, nos quais não há diferenças nas condições de renda, nas práticas sociais e culturais e nas condições físicas. As comunidades têm como sua principal representação um lugar onde há pessoas pobres, violentas, carentes de serviços dignos e incapazes de por si só resolverem seus problemas.

A realidade é que os moradores das favelas, atualmente, representam 18,65% da população total do município, com uma taxa de crescimento beirando a 2,4%, três vezes maior daquela encontrada para toda a cidade (0,74%). No total, 1,09 milhão de pessoas residem em favelas no Rio de Janeiro. Quanto ao número de comunidades existentes hoje no município, dois institutos discordam entre si. Enquanto o IBGE, responsável pelo recenseamento apresentou 518 favelas no Censo Demográfico de 2000, o IPP (Instituto Pereira Passos) ao realizar o mapeamento no mesmo período, comprovou a existência de 752 favelas.

A distribuição espacial das favelas é bastante irregular na cidade. A Zona Norte concentra cerca de 50% da população favelada e a zona oeste é a região que mais cresce em número de favelas atualmente. Segundo a interpretação do diretor de Informações Geográficas do IPP, Sérgio Bresserman: "é a dinâmica da cidade. As pessoas, faveladas ou não, vão em busca de trabalho e de renda. É para Zona Oeste que o Rio está crescendo!" (Legado Social, 2007)

Desde o seu surgimento, a favela já passou por diversas representações nas quais predominaram a visão negativa do ambiente e de seus moradores. Esse pensamento é amplamente defendido por Jailson de Souza e Silva. Segundo o autor, a visão homogeneizadora é explicada por fatores históricos. Só é possível entender o

pensamento hegemônico existente hoje sobre as favelas se resgatarmos a história, desde os primeiros barracos surgidos na virada do século XIX para o XX.

Como se tornou hegemônica no Rio de Janeiro e no país uma representação tão negativa da favela e de seus moradores? Como esses espaços se tornaram tão invisíveis, sendo identificados muito mais com base nos juízos preconcebidos do que nas suas características reais? Evidentemente, esse processo tem uma longa história. Seu ponto de partida pode ser mesmo a ideia de que alguns grupos humanos tornam-se escravos de outros, em função de sua etnia ou “raça”. No entanto, preferimos explicar esse processo a partir do aparecimento, na paisagem carioca, das primeiras habitações populares identificadas como tal. (SOUZA E SILVA, 2005: 24)

No final do século XIX, a crise de habitação no Rio de Janeiro assumiu maiores proporções devido à decadência da cafeicultura no Vale do Paraíba, à abolição da escravidão e ao desenvolvimento da industrialização (apesar de ainda incipiente). Neste cenário, muitos ex-escravos e europeus seguiram rumo ao Rio de Janeiro, capital da República recém instaurada. O significativo crescimento populacional sobrecarregou a área central da cidade, resultando na formação dos cortiços (habitações coletivas que abrigavam tanto trabalhadores quanto vagabundos e malandros da época). Considerado o locus da pobreza e espaço de propagação de doenças, o cortiço sofreu intensa perseguição do poder público no início do século XX, quando foram demolidas milhares de moradias na gestão do prefeito Pereira Passos (1902-1906). Um grupo de ex-habitantes do cortiço Cabeça de Porco (o maior e mais famoso deles) encontrou, a poucos metros, o Morro da Providência (na zona portuária), onde construíram suas novas moradias com ripas de madeira.

Entre 1893 e 1894, muitos soldados da Revolta da Armada conseguiram autorização do governo para morarem no Morro de Santo Antônio, também localizado no centro da cidade. Em 1897, soldados da Guerra de Canudos instalaram-se no já habitado Morro da Providência com objetivo de pressionarem o Ministério da Guerra a pagar dívidas atrasadas. Por abrigar ex-combatentes do conflito ocorrido na Bahia, o Morro da Providência foi popularmente batizado de Morro da Favela, nome de uma planta típica e resistente das caatingas que causa irritação no contato com a pele humana. Pouco a pouco, o termo “favela” passou a ser um substantivo genérico,

denominando qualquer conjunto de barracos aglomerados sem traçados de ruas nem acesso a serviços públicos, sobre terrenos públicos ou privados invadidos.

Na década de 20, as favelas foram incluídas pela primeira vez em um plano de reorganização do Rio de Janeiro. O prefeito da época, Antônio Prado Junior (1880-1955) convidou o urbanista francês Alfred Agache para elaborar um projeto que abordasse a cidade como um sistema integrado. A justificativa de Agache para a destruição das favelas era a higiene geral da cidade, sem falar do aspecto estético. O francês se referia à favela como “lepras” e “chagas”.

A Revolução de 1930 e a chegada de Getúlio Vargas ao poder contribuíram para que o projeto de Agache fosse arquivado. A política populista de Vargas abriu uma nova etapa nas representações das classes mais pobres, ou seja, das favelas. O aspecto higienista que havia dominado as políticas anteriores surgiu com uma nova inflexão: o reconhecimento da existência das favelas e a necessidade de melhorar as condições de vida da população favelada. Este fator contrariava todas as políticas públicas que pregavam a destruição total das favelas como solução única. Em 1937, o Código de Obras lançado pelo governo propunha melhor conhecer as favelas para assim controlá-las.

Já no Estado Novo, período de ditadura de Vargas, o governo criou a primeira política habitacional voltada para as camadas mais pobres da população. Entre 1942 e 1943, foram inaugurados parques proletários da Gávea, Caju e no Leblon, que receberam entre sete a oito mil pessoas de quatro favelas. Os moradores se submetiam a mecanismos de controle do Estado, que incluíam a exigência de atestado de bons antecedentes, e a identificação através de cartões. No entanto, décadas mais tarde, a população foi expulsa destes parques, quando as áreas ao redor se valorizaram no mercado imobiliário.

O aprofundamento da relação entre favelas e políticas se aprofundou nos anos 50, década que levou a Igreja e o governo municipal criarem outras instituições para atuar nesses espaços. A Cruzada de São Sebastião criada em 1955 urbanizou favelas e construiu o conjunto habitacional conhecido como Cruzada, no Leblon. Em 1956 foi criado o Serviço Especial de Recuperação das Favelas e Habitações Anti-higiências. Nesta época aconteceram ainda o Primeiro Congresso dos Favelados do Rio de Janeiro e a Coligação dos Trabalhadores Favelados do Distrito Federal – ambos em 1957. Nesta década, a população das favelas cresceu 7%, enquanto que a do

restante da cidade aumentou somente 2%. Entre 1960 e 1965, Carlos Lacerda governou o Estado da Guanabara e deu início ao programa de renovação urbana da metrópole. Para isso, arquitetou um projeto de remoção das favelas, no qual transferiu um grande contingente para áreas distantes do centro da cidade. A partir de 1968, as remoções das favelas atingiram proporções gigantescas. Já na ditadura militar, o governo federal criou a Coordenação de Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana do Grande Rio. Esse órgão unificou a política sobre favelas com o objetivo de extingui-las. A justificativa para ação se relacionava à capacidade de articulação dos chamados favelados. (MATTOS, 2004) <sup>1</sup>

Atualmente, algumas organizações (normalmente, não governamentais) promovem projetos a fim de valorizar a cultura e a vida nas favelas. Os objetivos, geralmente, são afastar os jovens do tráfico, desenvolver cooperativas, entre outros projetos beneficentes.

### **2.1. Tratamento tradicional da imprensa dado às comunidades**

As favelas do início do século XX eram reconhecidas como um problema de saúde pública e segurança. Jornalistas e escritores da época foram os primeiros atores importantes no conhecimento das favelas. Alguns deles, curiosos, subiam os morros para relatar aos leitores suas percepções. Para eles, a favela passava a ocupar um lugar de destaque nas discussões. Em uma época em que a cidade do Rio de Janeiro emergia como capital da República e exemplo de civilização e europeização, as favelas passaram a ser vistas como corpos estranhos dentro da urbanização formal. A socióloga Licia do Prado Valladares atesta para o pensamento específico das elites carioca e nacional, intelectuais e escritores sobre a favela do Rio. As camadas mais pobres eram responsáveis pelo próprio destino e pelos males da cidade.

A gênese do processo de construção das representações sociais da favela remonta às descrições e imagens que nos foram legadas por escritores, jornalistas e reformadores sociais do início do século XX.

---

<sup>1</sup> Disponível em <http://64.233.163.132/search?q=cache:trXmpZPAVs4J:www.revistadehistoria.com.br/v2/home/%3Fgo%3Ddetalhe%26id%3D1152+aldeia+do+mal+romulo+mattos&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> (acessado em 20 de outubro de 2009)

Amplamente divulgados naquela época, seus escritos permitiram o desenvolvimento de um imaginário coletivo sobre o microcosmos da favela e seus moradores, ao mesmo tempo em que opunham favela e cidade. (VALLADARES, 2005: 28)

Nos relatos das visitas de jornalistas da época, a pobreza da cidade (antes localizadas nos cortiços) se encontraria ali, nas favelas. No fim da década de 1900, o morro da Favela (atual, Providência) passou a ser considerado o lugar mais perigoso do Rio de Janeiro. Frequentemente, as favelas eram chamadas de “aldeia do mal” ou até mesmo “aldeia da morte”.

Os jornais da época insistiam em relacionar a favela com o ambiente da Guerra de Canudos (por questões já relatadas no capítulo 2.1). Segundo os jornalistas, no Rio, como em Canudos, a geografia particular dos morros oferecia posições estratégicas aos seus moradores. E afirmavam que todos aqueles que chegavam ao pico sentiam uma sensação de medo misturado com fascinação. Os cronistas, geralmente, descreviam as favelas comparando-as com “Os sertões”, de Euclides da Cunha, que representou em livro a Guerra de Canudos e a saga de Antônio Conselheiro. A autora Licia do Prado Valladares afirma:

Na visão dos primeiros observadores da favela do Rio de Janeiro, morar nesses locais também se apresentava como uma escolha, assim como ir para Canudos dependia da vontade individual de cada um. Os habitantes da favela são ligados à sua comunidade e não desejam deixá-la (Costallat, 1995). Dimensão de uma identidade de favelados que já fora percebida pelos seus primeiros analistas e, bem mais tarde, fortemente valorizada pelas ciências sociais. (VALLADARES, 2005: 36)

As representações oferecidas pelos jornalistas que visitavam, ao menos uma vez, uma favela era de que aquele ambiente não condizia com uma recente República que pretendia se consolidar, modernizar e oferecer saúde à população.

A favela pertence ao mundo antigo, bárbaro do qual é preciso distanciar-se para alcançar a civilização. Observadores de uma viagem bem mais próxima do que os sertões baianos, os jornalistas visitantes dos morros do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX também se portam como testemunhas, da mesma forma como Euclides da Cunha o fizera.

Como foi possível observar, a dualidade sertões versus litoral – presente no discurso do autor de “Os sertões” – pode ser reencontrada, nas primeiras imagens, transporta para a oposição favela versus cidade. A imagem matriz da favela já estava, portanto, construída e dada a partir do olhar arguto e curioso do jornalista/ observador. (VALLADARES, 2005:36)

A imprensa carioca nos anos 20, tendo como principal incentivador, Augusto de Mattos Pimenta (membro da elite carioca), empreendeu uma grande campanha contra a favela. Os maiores jornais do Rio – O Globo, A Notícia, Jornal do Commercio, O Jornal, Correio da Manhã e Jornal do Brasil – apresentaram a favela como lepra da estética, um lugar anti-higiênico, insalubre, local de concentração de pobres perigosos e área sem lei.

No período Vargas, a imprensa carioca (principalmente aquelas favoráveis ao governo) deu ampla cobertura aos relatórios encomendados pelo governo com objetivo de fornecer dados concretos para uma gestão mais eficaz da pobreza e seus espaços (indo de encontro à política populista citada no capítulo 2.1). Um pouco mais tarde, o então jornalista do Correio da Manhã, Carlos Lacerda (que entre os 1960 e 1965 seria eleito governador do Estado da Guanabara) iniciou uma vigorosa campanha contra as favelas, intitulada “A Batalha do Rio”, que previa a extinção – assim como nas primeiras décadas do século XX – das favelas e a transferência de sua população para áreas mais afastadas do centro da cidade.

Um verdadeiro trabalho de renovação dos conhecimentos sobre favela foi iniciado na década de 50 e se estendeu até os anos 60. Duas características foram marcantes neste período: a valorização da favela enquanto comunidade e a inauguração de um verdadeiro trabalho de pesquisa de campo mobilizando os métodos das ciências sociais. Em 1960, um dos principais jornais do País, “O Estado de São Paulo”, publicou na forma de dois suplementos especiais, um importante estudo chamado “Aspectos humanos das favelas cariocas”, cuja reedição aconteceu no mesmo ano no diário carioca “A Tribuna da Imprensa”.

Conforme atestam numerosas testemunhas, esse texto teve uma enorme importância por seu impacto político mediático, e exerceu uma considerável influência sobre pesquisadores, sociólogos, antropólogos, arquitetos e geógrafos que, a partir da segunda metade dos anos 1960 e durante os anos 1970, lançaram-se



por sua vez à pesquisa de campo nas favelas (...) Dois aspectos dessas publicações parecem um tanto ou quanto surpreendentes: por um lado, o fato de um estudo importante sobre favelas do Rio de Janeiro ter sido publicado, e mais ainda, financiado por um jornal de São Paulo, e por outro, ser o principal inspirador – e primeiro na lista dos membros da equipe de pesquisa – o Padre Louis-Joseph Lebreton (...) (VALLADARES, 2005:75)

A entrada da Igreja Católica no universo da favela se deu em parte pela freqüente publicação na mídia carioca da presença de comunistas nas favelas. Análises da imprensa da época atestavam a crescente influência do Partido Comunista nestas localidades. Outra questão importante que levou o jornal “O Estado de São Paulo” a financiar a pesquisa sobre favelas do Rio foi rejeição à política desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, que na época estava destinando à construção de Brasília grande montante de recursos. Buscando argumentos sólidos contra a política descentralizadora do governo federal, o jornal afirmava que era preferível investir milhões lutando contra a pobreza no Rio de Janeiro.

A partir da década de 80 até os dias de hoje, a violência passou a ser a temática mais explorada pelos veículos. O noticiário intensificou, com isso, a associação entre o narcotráfico e as favelas. Tal cobertura estigmatizante é reconhecida pelos profissionais da imprensa.

A maioria dos profissionais ouvidos reconhece que os seus veículos têm grande responsabilidade na caracterização dos territórios populares como espaços exclusivos da violência. Ao mesmo tempo, admite que a população dessas comunidades raramente conta com a cobertura de assuntos não relacionados ao tráfico de drogas e à criminalidade. A cultura, o esporte, a economia e as dificuldades cotidianas enfrentadas pelos moradores desses locais aparecem muito pouco em jornais e revistas, especialmente quando se considera o imenso número de reportagens e notas sobre operações policiais, tiroteios, invasões, execuções, etc. (RAMOS & PAIVA, 2007: 77)

As autoras Silvia Ramos e Anabela Paiva destacam os motivos para a cobertura estereotipada das favelas e periferias pela imprensa. Um deles foi a crescente elitização das redações. Desde a década de 70, quando o diploma passou a ser obrigatório, os jornais iniciaram a contratação de profissionais de classe média. Os jornalistas

“antigos”, humildes e sem curso superior gradativamente passaram a não fazer parte mais das redações.

Os novos jornalistas são pessoas que conseguiram concluir o curso superior e, portanto, pertencem na maioria à classe média. Iniciam-se na vida profissional tecnicamente mais bem preparados. Por outro lado, trazem pouca ou nenhuma experiência relacionada ao cotidiano dos moradores das favelas e periferias. (RAMOS & PAIVA, 2007: 78)

Queixas frequentes de jornalistas quanto à inexistência de fontes dentro da favela e ao fato de serem mal recebidos quando o assunto é imprensa são outros motivos para a deficiência da cobertura de periferias, segundo as autoras. “Vários jornalistas, na maioria do Rio de Janeiro, descrevem reações de hostilidade por parte dos habitantes das favelas. Em geral, os xingamentos e ameaças recaem sobre a imprensa quando ela acompanha operações policiais.” (RAMOS, PAIVA, 2007: 77).

Com a ocupação desses espaços por grupos armados, ligados ao tráfico de drogas ou a outras atividades criminosas, é necessário anunciar a presença da imprensa e pedir autorização a algum representante do poder local para fazer a reportagem. A negociação pode acontecer através da associação de moradores ou mesmo de contato direto com “soldados” dos traficantes. No passado, era comum que jornalistas entrevistassem os chefes do tráfico. Hoje, muitos veículos se recusam a fazer esse contato – e, por extensão, a negociar a entrada em favelas onde não se identifique um interlocutor independente. (RAMOS, & PAIVA, 2007: 81)

Mesmos os jornais recentes destinados às classes C, D e E, como exemplo o Meia Hora e o Expresso, não conseguem fugir do tema violência. As manchetes diárias, normalmente, retratam prisões de bandidos, guerra entre facções e crimes bárbaros nas favelas e periferias. “No entanto, esses novos jornais estão sempre associados a um veículo robusto, que lhes fornece conteúdo.” (RAMOS & PAIVA, 2007: 82)

A cobertura intensa dos jornais sobre os conflitos armados reflete soluções implícitas ou até mesmo explícitas para isolar e neutralizar as favelas. Desejo que vai de encontro ao tratamento tradicional da mídia desde o surgimento das comunidades.

Se as favelas são assuntos de destaque nos jornais – a ponto de serem citadas em 27% das matérias sobre segurança e criminalidade – deve ser prioridade para os jornais encontrar maneiras de driblar os obstáculos impostos pela violência para o exercício do bom jornalismo. Acompanhar a produção cultural e o esporte nas comunidades é um caminho para estabelecer canais de diálogo e encontrar novas fontes. (RAMOS & PAIVA, 2007: 83)

## **2.2. Mídia nas favelas: Viva Favela, TV Roc e o Observatório das Favelas**

As experiências e os exemplos mostram que o melhor caminho para aprimorar a cobertura dos espaços populares é, justamente, a aproximação de suas comunidades. Para oferecer um painel completo da nossa sociedade, a imprensa precisa apresentar também a voz dos moradores de favelas e periferias. Para isso, será preciso estimular a criação de novos canais de diálogo(...) (RAMOS & PAIVA, 2007: 86)

Com o objetivo de abrir esses novos canais de diálogo e revelar histórias do cotidiano dos moradores das favelas, a ONG Viva Rio criou o portal Viva Favela em 2001. A proposta do site era formar uma equipe de jornalistas e correspondentes comunitários. Essa foi justamente a inovação e o diferencial. Os correspondentes são moradores de favelas que atuam como repórteres, fotógrafos e produtores.

O Viva Favela explorava temas curiosos, como na matéria “Meu adorável barraco”, com moradores que decoravam suas casas de maneira peculiar, ou “Mapa na Cabeça”, sobre o trabalho de carteiros no labirinto das favelas. Os temas mais “realistas” não ficavam de fora da cobertura do portal. Matérias como “Na Boca do Lobo”, em que uma mãe entra na boca de fumo para resgatar o filho que estava trabalhando para o tráfico; “Dureza da dura”, que mostrava moradores da Cidade de Deus desenvolvendo códigos para driblar as “duras” da polícia; e ainda “A maldição do endereço”, sobre pessoas que perdem vagas em entrevistas para um emprego quando revelam que moram na Cidade de Deus. (RAMOS & PAIVA, 2007: 89)

Partindo do princípio da democratização da informação, o site age como uma ponte virtual entre o asfalto e favela. Ganhador de vários prêmios, o Viva Favela virou uma referência no que diz respeito ao jornalismo comunitário.

Ao participar da reunião de pauta, o correspondente comunitário passa a se perguntar o que existe na sua comunidade para ser valorizado e o que deve ser denunciado, como isso pode ser feito, a quem esta informação deveria ser direcionada, que impacto ela pode ter e que desdobramentos podem ser esperados. (Viva Favela) <sup>2</sup>

Já a TV Rocinha, popularmente conhecida como TV Roc, surgiu com o objetivo de fornecer à favela informações que não poderiam se obter através da grande mídia. Formada especialmente por moradores da própria favela, o TV Roc se popularizou entre os moradores da própria comunidade da Rocinha e até mesmo entre os que vivem no asfalto. Jornais cariocas como O Globo (voltado para leitores da zona sul) já noticiaram informações sobre o empreendimento.

A TV ROC começou assim, num verdadeiro desafio às leis de um mercado no qual, assim como os ônibus fazem com as motos, os grandes e poderosos empurram os pequenos e fracos para o canto. Era o final de 1996 quando o empresário argentino Dante Quintero decidiu levar adiante uma idéia inovadora: instalar uma TV a cabo na Rocinha, a maior e mais populosa favela do Rio. Inovadora porque a TV ROC ia de encontro ao pensamento vigente de que favela é lugar de pobre e de que pobre não pode se dar ao luxo de ter TV a cabo. (MEDRADO, 2005) <sup>3</sup>

Por meio da renda obtida pelas assinaturas, a TV Roc pode levar adiante suas ações sociais mantendo um canal comunitário, o Canal 30, que é oferecido em sua grade de programação. A ideia é abrir um espaço para os moradores tratarem de assuntos que julguem relevantes e que, geralmente, se encontram fora do foco da grande mídia.

---

<sup>2</sup> Disponível em:  
<http://www.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infol=41350&sid=72> (acessado em 2 de novembro de 2009)

<sup>3</sup> Disponível em  
<http://64.233.163.132/search?q=cache:tNgvoxXeDZMJ:www.rocinha.org/2009/07/26/a-historia-da-tv-roc-a-tv-a-cabo-da-rocinha/+tv+roc&cd=4&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> (acessado em 3 de novembro de 2009).

Além de ser útil em questões do dia-a-dia de quem vive na Rocinha, o canal comunitário sabe muito bem como levantar a auto-estima do seu público. Em vez de fingir que a favela é invisível, o canal faz uma panorâmica nos morros. Suas câmeras dão um close nas casas, com suas lajes a serem construídas e seus varais de roupas. Também trata como celebridade (mesmo que sejam só cinco os minutos de fama) quem está mais acostumado a ser tratado como marginal. (MEDRADO, 2005)<sup>4</sup>

Criado em 2001, o Observatório de Favela tem sede na Maré, no Rio de Janeiro, mas sua atuação é de âmbito nacional. Agindo como uma organização da sociedade civil de interesse público, a instituição foi fundada por pesquisadores e profissionais moradores de favelas cariocas.

Com sua mídia (basicamente o site), o Observatório dissemina conceitos, projetos, programas, práticas que contribuam na formulação e avaliação de políticas públicas voltadas para a superação das desigualdades sociais. Entre seus principais coordenadores está Jailson de Souza e Silva, nascido e criado na Maré. Entre suas missões está a articulação de formas e meios para uma melhor e mais eficiente comunicação dos espaços populares, dos moradores.

O objetivo é contribuir para que as populações desses locais, em toda a sua diversidade, elaborem e pratiquem uma Comunicação Cidadã, ou seja, uma comunicação que, ao resgatar e afirmar memórias e versões de seus agentes, duela com estereótipos e colabora com a construção de uma cidadania plena e participativa. (Observatório de Favelas)<sup>5</sup>

Para cumprir parte desse objetivo, a instituição criou o blog Maré ComunicAtiva formado por 15 jovens e adolescentes do conjunto de favelas da Maré inicialmente destinados à cobertura dos Jogos Pan Americanos em julho de 2007. Os guias

---

<sup>4</sup> Disponível em <http://64.233.163.132/search?q=cache:tNgvoxXeDZMJ:www.rocinha.org/2009/07/26/a-historia-da-tv-roc-a-tv-a-cabo-da-rocinha/+tv+roc&cd=4&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> (acessado em 3 de novembro de 2009).

<sup>5</sup> Disponível em [http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/areas\\_atuacao/comunicacao.php](http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/areas_atuacao/comunicacao.php) (acessado em 3 de novembro de 2009)

realizaram coberturas jornalísticas durante as duas semanas de Jogos e divulgaram os seus relatos no blog.

### 3. Concepção *Entrenós*

“O pano de fundo para essa grande transformação das periferias não é apenas brasileiro, mas reflete uma tendência global. (...) Calcula-se que mais de 1 milhão de pessoas vivam atualmente em favelas de todos os países (os “chawls” da Índia, os “iskwaters” das Filipinas, os “baladis” do Cairo, as “colônias populares” do México, as “vilas” de Porto Alegre, os “aglomerados” de Belo Horizonte, e assim – quase infinitamente – por diante).

Cerca de metade dessa população favelada tem menos de 20 anos. Quase todo mundo com trabalho informal. É muita gente jovem. Governos e grande mídia não sabem o que fazer diante dessa situação. Muitas vezes não sabem nem se comunicar com essa “outra” população, que passa a ser invisível para as estatísticas oficiais, a não ser para anunciar catástrofes. Essa gente, com toda sua energia juvenil, vai fazer o quê? Produzir a catástrofe anunciada? É só isso que lhes resta fazer? Sumir do mapa para não causar mais problemas para os ricos? Em lugar de sumir, as periferias resistem – e falam cada vez mais alto, produzindo mundos culturais paralelos (para o espanto daqueles que esperavam que dali só surgisse mais miséria sem futuro), nos quais passa a viver a maioria da população dos vários países, inclusive do Brasil.

(...) A própria ideia de inclusão social tem que ser repensada – ou descartada – diante dessa situação. Quando falamos de inclusão, partimos geralmente da suposição de que o centro (incluído) tem aquilo que falta à periferia (que precisa ser incluída). É – repito – como se periferia não tivesse cultura. (...) A periferia não esperou que o centro apresentasse as novidades. Sem que o centro notasse, inventou novas culturas (muitas vezes, usando tecnologia de ponta) que podem muito bem vir a indicar caminhos para o futuro do centro, cada vez mais em pânico diante do crescimento incontrolável da periferia” (VIANNA apud RAMOS & PAIVA, 2007: 91)

A concepção da revista *Entrenós* surge como uma tentativa de aproximar favela e asfalto, através de reportagens que apresentam as comunidades, as pessoas, as ideias e as iniciativas que podem transformar o futuro da cidade. O plano editorial, reforçado pelo projeto gráfico que valoriza os cenários locais, propõe aos moradores de favelas a

possibilidade de se verem retratados de forma mais plural, nas mais variadas experiências vividas por eles. A proposta segue na contramão das mídias tradicionais que, mesmo as mais populares, raramente fogem dos temas crime e violência. Além de um outro retrato, a revista, com distribuição mensal e gratuita nas comunidades, traz noções de sustentabilidade, valorizando a cultura local e promovendo o desenvolvimento socioeconômico, aliado à preservação natural do espaço em que vivem.

A ideia de remoção das favelas é cada vez mais distante da realidade. E cada vez mais necessária e evidente está a transformação destes espaços em bairros e locais de convivência, integrando-os efetivamente à cidade. Cabe ao jornalismo, não é de hoje, rever o tratamento destes locais como espaços destinados à ilegalidade, promover canais de diálogo, realizar uma cobertura mais ampla e permitir que estes moradores possam se reconhecer também em assuntos ligados ao seu dia-a-dia legal. Assim como as áreas nobres, em que vivem grande parte dos repórteres cariocas, as favelas e periferias são repletas de atividades e curiosidades legalmente legítimas que elevam sua autoestima, dão outra dinâmica socioeconômica e merecem ser reconhecidas.

Atualmente, a chance que os moradores de favelas têm de comprar um jornal e se reconhecer nele é, quase sempre, em algum desses tablóides populares em que são recorrentes as denúncias de crimes ou notícias encharcadas de sangue. São nestas páginas que eles podem, então, encontrar um conhecido, um vizinho ou um amigo. Será que este mesmo leitor não se interessaria por uma publicação em que ele se reconhecesse, sem excentricidades, em algo positivo?

Pensando nisso, *Entrenós* propõe um novo olhar sobre as comunidades, em sentido oposto ao da criminalidade, dialogando e integrando-as de forma harmônica à sociedade. Embora as reportagens tenham um aspecto mais positivo, a revista não pretende ser alienada ou ingênua. Ela pretende mostrar que há outras coisas acontecendo, envolvendo moradores e organizações locais. A favela tem sim uma outra imagem diferente das que grande parte da população costuma temer.

Sem exotismos, a revista revelará casos bem sucedidos de empreendedorismo, de participação comunitária, de moradores que se destacam pela sua história na comunidade, de iniciativas e projetos socioculturais e evidências de como a favela se mistura aos outros bairros. Problemas locais que podem ser amenizados pela própria comunidade também têm espaço, como, por exemplo, cuidado com o lixo, participação



social em políticas públicas, doenças transmissíveis, geração de renda ou qualquer outro assunto relevante para o desenvolvimento local.

As reportagens, além de uma outra visão da comunidade, trazem, implicitamente, conceitos de desenvolvimento sustentável. As matérias sobre um comércio ou a uma cooperativa revelam a importância do empreendedorismo local, as de preservação, a exemplo de uma possível pauta com garis comunitários, trazem a questão do lixo e do ambiente em que vivem, as de atividades culturais reforçam a identidade e as de projetos ou ações sociais abordam a questão social. Sutilmente, o leitor se depara com uma série de informações que podem contribuir para a valorização e melhoria do espaço e da autoestima.

Para alcançar este conteúdo, um dos propósitos é estabelecer contato com as comunidades, incentivando sua participação sugerindo pautas, enviando fotos, textos ou ilustrações. Embora não seja uma regra e não tenha acontecido nesta edição por falta de recursos, a intenção é que grande parte das matérias sejam realizadas por repórteres e fotógrafos moradores de favelas já que eles vivenciam o que acontece, tem uma visão menos estereotipada e mais próxima do cotidiano.

No aspecto visual, a publicação, pensada em material de alta qualidade, procura se apropriar de fotos de moradores e de cenários das favelas. A intenção é difundir imagens desses espaços urbanos numa visão mais próxima a de seus habitantes, contrapondo-se àquelas usualmente apresentadas na mídia, como as de um lugar que não se deve visitar, e revele suas sutilezas e belezas. Fugir dos preconceitos e se aproximar da realidade são alguns dos motivos que tornam necessários os fotógrafos e repórteres moradores de comunidades.

Segundo Beatriz Jaguaribe (2006:102), as fotografias, em geral produzidas por moradores das próprias comunidades, que ela chama de “inclusão visual” ou a “hipervisibilidade dos excluídos”, a exemplo do *Imagens do Povo* e do *Viva Favela*, são bem sucedidas quando:

(...) Demonstram que o “reconhecimento” e a “admiração” pelos retratados provêm primeiro da família ou dos vizinhos (antes que sua imagem venha a oferecer-se ao olhar externo); Contêm sinais de equanimidade, reciprocidade, cumplicidade ou de afinidade de interesses entre o fotógrafo e o resultado; Evitam espaços privados e íntimos, que possam tornar ambíguo o contexto (isto é, espaços que não possam

ser caracterizados como “de favela”) ou transmitam sensação de isolamento ou confinamento. (...) Embora os repertórios plásticos e simbólicos dessa imaginação “inclusiva” sejam praticamente os mesmos da cultura midiática “dominante” – isto é aquela que exclui ou estigmatiza -, sua eficácia retórica apóia-se na evidencia de que há comunidade: comunidade como condição do sentido a partir dos quais aquelas imagens deverão ser lidas e acolhidas; e comunidade como instancia preliminar e de destinação que torna legítima sua exposição a um olhar “de fora”. (JAGUARIBE, 2006: 102)

Diante destes pensamentos, a revista *Entrenós* foi idealizada e, então, materializada neste projeto. O ideal é que ela, sob anúncios, apoio ou patrocínio de empresas estatal ou privada, possa ser impressa em material de boa qualidade e distribuída mensal e gratuitamente nas favelas e periferias cariocas e enviada para formadores de opinião, como (ONGs, entidades, instituições, grupos culturais e associações). A versão impressa e gratuita prevê que a publicação vá até o público, sem que seja preciso que ele tenha a iniciativa de acessar um site ou disponha de dinheiro para adquirir um exemplar. Desta forma, *Entrenós* quer provocar novos olhares que contribuam para uma transformação social e para a construção de outra imagem do que acontece tão perto, tão longe.

### **3.1. Plano editorial**

A revista *Entrenós* foi criada a partir da constatação de que há a ausência de veículos no Rio de Janeiro e até mesmo no Brasil, que retratem a favela fugindo do estereótipo da violência associado ao tráfico de drogas. A princípio, a revista será distribuída no Rio de Janeiro, mas existem objetivos de ultrapassar fronteiras no Brasil. Nossa ideia é contar com uma rede de repórteres nascidos e criados em comunidades que terão total liberdade para mandarem fotos, textos, opiniões e sugestões de pautas. Os moradores das favelas também terão um espaço para o envio online de fotos e matérias para posterior avaliação da equipe editorial. O objetivo é integrar os moradores no processo além da parte escrita da revista, fazendo com que eles tenham participação ativa na distribuição, divulgação, na coleta de sugestões para temas e avaliação geral da publicação.

Para a realização da revista *Entrenós*, pensamos em um conselho editorial fixo com alguns convidados que variam em cada edição. Nosso foco será especialmente voltado para casos bem sucedidos em geração de renda nas favelas e projetos socioculturais, envolvendo pessoas, cooperativas, associações e organizações dentro das comunidades. Nem todas as reportagens serão enquadradas em editoriais fixas e nomeadas. Por ter poucas páginas, acreditamos que, desta forma, a revista poderia ficar um pouco engessada e dificultar a mobilidade na distribuição de conteúdos. Inicialmente, haverá três seções fixas, "Caras de Quem:", que, a exemplo das revistas *Caras e Quem*, apresenta a casa de um morador da favela; "O que tá rolando" que traz notas sobre a produção comunitária e "Vozes" que dá espaço para a opinião de um leitor. As demais reportagens vão variar dentro de conteúdos cabíveis para a revista, como perfil, economia local, projetos ou iniciativas sociais, eventos culturais, orientações sociais e de saúde, com o objetivo de valorizar a favela, de promover o diálogo com o restante da cidade e a melhorar a autoestima.

Na edição número zero, especificamente, temos as seções fixas "Caras de Quem:", Robert Pacheco, do Vidigal, que mostra a sua casa e como vive intimamente nela; "Tá Rolando" conta rapidamente o que está acontecendo na comunidade: a cooperativa de artesãs da Rocinha, Coopa-Roca, que está produzindo uma série exclusiva da Lacoste, o Grupo Nós do Morro que está com a peça Barrela em cartaz no Centro do Rio e a elaboração de números em mosaico para os apartamentos das unidades habitacionais do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), no Alemão; "Vozes" traz a opinião de Cleonice de Almeida, moradora da Cidade de Deus, sobre favela e cidade.

As outras reportagens, sem seções demarcadas, vão trazer um exemplo de empreendedorismo e conquista para Vigário Geral, com a chef Chupetinha; uma oportunidade para quem ser modelo e a valorização dos cenários da favela, através do projeto Lente dos Sonhos, criado por Tony Barros, fotógrafo do site Viva Favela e morador da Cidade de Deus, um exemplo de projeto socioesportivo que forma atletas de badminton com potencial olímpico, como o Miratus na Chacrinha, Jacarepaguá, e um espaço para os moradores pedirem por soluções para o projeto Cimento Social, que ao invés de melhorar suas moradias, piorou.

### **3.2. Missão**

Servir como uma ponte entre o asfalto e a favela, tendo como meta a democratização da informação e um olhar sem os estereótipos de ilegalidade e violência sobre as comunidades populares e periferias.

### **3.3. Objetivo**

O objetivo da revista é integrar asfalto e a favela, revelando um aspecto mais cotidiano, de identificação e de beleza da comunidade. Se a beleza das favelas não é mostrada, passa como se não existisse e a sociedade julga em cima do crime, da violência, do feio, isolando-as do restante da cidade. A grande preocupação é, portanto, que queiram bem a esses moradores que, em grande maioria, têm sonhos, projetos de vida, ideais, criam formas de trabalho e procuram com criatividade soluções para suas carências. Para facilitar a realização de uma pauta mais fiel ao cotidiano e a essa realidade, o ideal é que possamos contar também com repórteres e fotógrafos que vivam nas favelas, fotógrafos. O trabalho feito com esta parceria deve mostrar que há muito mais a dizer sobre as comunidades do que é normalmente noticiado. Estudos do IBGE comprovam que apenas 10% da população que vivem em favelas estão envolvidas com o crime, o que representa uma parcela insignificativa se avaliarmos o número de favelados existentes hoje no Brasil.

### **3.4. Leitor**

Grande parte dos nossos leitores será composta por moradores das comunidades, além de jornalistas, escritores, formadores de opiniões que de alguma forma se interessam pelo assunto ou se envolvem através de trabalhos acadêmicos ligados à sociologia, antropologia, políticas públicas, etc. A linguagem utilizada, bem como os assuntos abordados na revista serão voltados, principalmente, aos jovens, podendo atingir também o público mais velho. Nossa expectativa é buscar uma faixa etária entre os 14 e 45 anos, jovens que podem encontrar na revista um meio de elevar sua autoestima, pais que podem obter informações sobre projetos sociais para os seus filhos, por exemplo, ou adultos que também necessitam saber o que acontece nas comunidades.

### **3.5. Pontos Fortes**

Entre os pontos fortes da revista *Entrenós*, estão o conselho editorial que terá participação de moradores de comunidades e repórteres locais, visando a aproximação da realidade cotidiana; A valorização da comunidade e de seus moradores, ancorada pelos planos editorial e gráfico que procuram elevar a autoestima local; A publicação gratuita e impressa permite que as notícias cheguem até os leitores sem que eles tenham que, por exemplo, ter a iniciativa de acessar um site ou pagar por ela; A distribuição permite a geração de trabalho e renda para jovens moradores já que alguns serão contratados para realizar a distribuição na comunidade. Além dos pontos citados, existem poucas publicações especializadas no assunto.

### **3.6. Pontos Fracos**

A editoria da revista formada por moradoras do asfalto pode ser considerada um ponto fraco já que não vivemos o dia a dia da favela. Mas tal consideração pode ser atenuada pelo conselho editorial composto de repórteres e moradores das favelas e pelo bom trânsito que temos nas comunidades. Outra questão é a inexistência de assessorias de imprensa ou de divulgação que difundem informações para os veículos de comunicação. No nosso caso, temos que estar em constante contato com as comunidades para obter pautas. A necessidade de patrocínio e apoio também é um agravante. É vital o interesse de grandes empresas preocupadas com responsabilidade social e com essa parcela de também consumidores que queiram investir na revista.

### **3.7. Plano gráfico**

O plano gráfico da revista *Entrenós* procura valorizar a comunidade e despertar a vontade dos moradores lerem. Portanto, a escolha de um visual mais atraente, dinâmico, colorido e com muitas fotos em que eles possam imediatamente se reconhecer e se interessar pelos assuntos.

Quanto ao formato, escolhemos o maior possível, de acordo com os recursos disponíveis, para dar bom destaque às fotos, aos recursos gráficos, como títulos, olhos ou legendas, e também facilitar a leitura dos leitores mais velhos que poderiam sentir dificuldade com um formato menor. Como os *bureaus* que pesquisamos, cabíveis ao nosso orçamento, só trabalham com formato pré-definido, como os derivados de A3, optamos pelo formato 20X27cm, que cabe num A4, em papel *couché* 120 gramas.

Em relação à diagramação, propomos uma liberdade em relação à fonte, posição, tamanho e cor dos títulos, subtítulos, retrancas e legendas. O nome da revista *Entrenós* também pode aparecer, em cada edição, numa cor ou posição diferente. As fotos, sempre que possível, serão grandes, podendo sofrer interferências de textos ou ilustrações. Essa opção pretende dar mais mobilidade ao aspecto visual da revista, atraindo o leitor e aproveitando melhor os espaços gráficos. A fonte também pode variar a cada matéria, entre 10 e 13 pontos, tamanho considerado bom àqueles que não tem muito o hábito de leitura, mas prevalece a sem serifa, visualmente mais popular, e mantém-se padrão no corpo de texto de uma mesma matéria para não atrapalhar a leitura e não trazer mais informação além da própria notícia.

#### 4. Viabilidade econômica

As favelas, palafitas e mocambos são hoje numerosos nas cidades brasileiras. De 1.209 prefeituras consultadas pelo IBGE para a Pesquisa de Informações Básicas Municipais (2001), 23% confirmaram a existência de ocupações do tipo em seu território. O Instituto identifica 16.433 favelas cadastradas no país, com um total de 2.362.708 domicílios. Um número subdimensionado, já que somente 13% das administrações municipais que fornecem dados tinham cadastros deste tipo de moradia. É nas cidades grandes que as chamadas “comunidades” proliferam: 70% dos domicílios em favelas estão nas 32 maiores cidades do país. Entre as regiões brasileiras, a que possui mais domicílios cadastrados é a Sudeste, com 1,405 milhão de domicílios distribuídos em 6.106 favelas.

#### As dez cidades brasileiras com maior número de favelas

São Paulo	612
Rio	513
Fortaleza	157
Guarulhos	136
Curitiba	122
Campinas	117
Belo Horizonte	101
Osasco	101
Salvador	99
Belém	93

Fonte: IBGE - 2000

No Rio de Janeiro, as favelas concentram cerca de 1/3 da população da capital. O Instituto Pereira Passos calcula que de 5% a 8% desses moradores são da classe média, com renda entre R\$ 1.064 e R\$ R\$ 4.051 (censo 2007 – IBGE). Há estudos na Prefeitura do Rio de Janeiro que constataam que 1,7 milhão de moradores fazem parte de um mercado consumidor em potencial nas favelas. A população das favelas cariocas pode gerar uma massa de salários de até R\$ 4,9 bilhões. Os empreendimentos legais e informais somam 68 mil e o faturamento anual deste comércio atinge anualmente R\$ 3 bilhões.

A socióloga Lícia Valladares, que desde os anos 70 pesquisa o assunto, reclama sobre o estereótipo da favela como símbolo de miséria. Segundo a pesquisadora, as comunidades representam hoje grandes mercados consumidores e estão inteiramente integradas à economia urbana. Em 2003, a pesquisa Favela, Opinião e Mercado, do Instituto Superior de Estudos da Religião (Iser), mostrou que 24% dos moradores de comunidades pobres se enquadram na classe B. O levantamento cobriu 37 favelas cariocas, e descobriu que 96% dos moradores tinha TV colorida e 57% lavadora de roupas. A progressiva percepção do potencial deste mercado consumidor tem atraído empresas e concessionárias de serviços públicos para as comunidades. (RAMOS & PAIVA, 2007:80)

Diante deste quadro socioeconômico, a revista *Entrenós* espera atrair parceiros como empresas estatais ou privadas interessadas, através de editais, princípios de responsabilidade social ou anúncios de grandes empresas. E hora de saber o que está sendo dito e feito pelas comunidades. Integração, cultura, cidadania, trabalho, diálogo.

#### **4.1. Distribuição**

A distribuição da revista *Entrenós* será feita pelos próprios moradores das comunidades que serão contratados para exercer essa função específica. Os colaboradores deverão apontar os locais onde há bastante movimento de pessoas. Com a participação ativa de moradores das comunidades, podemos gerar trabalho e mais uma fonte de renda para esta população.

Além da distribuição realizada dentro das comunidades, as revistas serão enviadas para uma mala-direta composta por formadores de opinião (ONGs, entidades, instituições, grupos culturais e associações).



## 5. Conclusão

O histórico levantado no segundo capítulo deste trabalho demonstra que o preconceito contra os moradores das comunidades e o conceito de separação entre asfalto e favela no Rio de Janeiro existem desde o início do século XX. Foi neste período que a ocupação dos morros cariocas tomou maiores proporções devido a uma grave crise habitacional na cidade. Fato este ignorado pelo poder estatal, que via como única alternativa para reforma urbana a remoção dos moradores, identificados sempre como capoeiras, ladrões e não higiênicos.

A partir daí até os dias de hoje, a favela foi motivo de diversas representações sociais, todas de alguma forma preconceituosas e homogeneizadora. Em geral, os espaços são considerados iguais, sem distinção das condições de renda, de práticas sociais e culturais ou condições físicas. Normalmente, favela significa um lugar de ausência de carência e fonte de criminosos e violência.

Esse pensamento é muito disseminado pela mídia, que com uma tradição sensacionalista, sempre procurou mostrar em textos estigmatizantes, a caracterização dos territórios populares como espaços exclusivos de violência. As histórias e acontecimentos cotidianos da maior parte dos moradores, que pelos estudos do IBGE, é composto por trabalhadores, não são noticiados, não geram pautas nem interesses dos jornalistas.

Tendo em vista a ausência de veículos que retratam a favela sem o estereótipo violência/ilegalidade, a revista *Entrenós* foi concebida. O objetivo é abrir espaço para o aspecto humano dos moradores das comunidades, fornecendo um novo canal de comunicação entre os próprios moradores das favelas e aqueles que não vivem dentro delas. A ideia é amenizar o conceito de “cidade partida” e além disso, ser um veículo vetor para mudanças sociais nas comunidades.

A população que reside nas favelas serão os principais indicadores dos problemas que os envolvem, e também fonte dos projetos culturais e sociais e empreendimentos que despertem a geração de renda nas comunidades. Isso será possível através de uma relação constante com moradores das favelas.

Os assuntos abordados, além de uma outra visão da comunidade, trarão também, implicitamente, a noção de sustentabilidade. As matérias ligadas à economia devem trazer a importância do desenvolvimento econômico local e devem citar as iniciativas relacionadas à preservação do meio em que vivem. As editoriais sobre a cultura local e

projetos sociais, por exemplo, preservam as manifestações culturais e preocupam-se com o desenvolvimento social. Ao mesmo tempo que iremos noticiar assuntos ausentes na grande mídia, vamos contribuir para a autoestima e qualidade de vidas dos moradores.

O interessante deste projeto, portanto, é tornar visíveis esses espaços esquecidos e discriminizados por grande parte da sociedade e reverter a visão homogeneizadora, inclusive da mídia, existente desde as primeiras ocupações dos morros cariocas no final do século XIX.

## 6. Referências Bibliográficas

SOUZA E SILVA, Jailson, e BARBOSA, Jorge Luiz. **Favela, alegria e dor na cidade**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2005.

RAMOS, Silvia, & PAIVA, Anabela. **Mídia e violência – Novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007

Observatório das Favelas em convênio com o Ministério do Esporte. Número do Convênio: 235/ 2006. **Legado Social dos XV Jogos Pan-Americanos – Diagnóstico Social e Esportivo de 53 favelas cariocas (Volumes I e II)**. Rio de Janeiro: Gráfica Riofloreense, 2006.

REBELO, José; QUÉRÉ, Louis; PONTE, Cristina; LANÇA, Isabel Babo; ARQUEMBOURG, Jocelyne; MIRANDA, José Bragança de; SANTOS, José Manuel; MARTINS, Moisés de Lemos; SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel; CUNHA, Tito Cardoso e. **Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação**. Rio de Janeiro: Casa das Letras/ Editorial Notícias, 2005.

JAGUARIBE, Beatriz. **O Choque do Real – Estética, Mídia e Cultura**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2007.

RODRIGUEZ, Clemência. **Fissures in the Mediascape – An international study of citizens' media**. New Jersey: Hampton Press, Inc., 2003.

RAMALHO, Cristiane. **Notícias da favela**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela – do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

MATTOS, Rômulo Costa.

<http://64.233.163.132/search?q=cache:trXmpZPAVs4J:www.revistadehistoria.com.br/v>

[2/home/%3Fgo%3Ddetalhe%26id%3D1152+aldeia+do+mal+romulo+mattos&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://www.vivafavela.com.br/publico/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=41350&sid=72) (acessado em 20 de outubro de 2009)

Viva Favela.

<http://www.vivafavela.com.br/publico/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=41350&sid=72> (acessado em 2 de novembro de 2009)

MEDRADO, Andrea, 2005.

<http://64.233.163.132/search?q=cache:tNgvoxXeDZMJ:www.rocinha.org/2009/07/26/a-historia-da-tv-roc-a-tv-a-cabo-da-rocinha/+tv+roc&cd=4&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> (acessado em 3 de novembro de 2009).

Observatório de Favelas.

[http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/areas\\_atuacao/comunicacao.php](http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/areas_atuacao/comunicacao.php) (acessado em 3 de novembro de 2009)